

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Dando nome aos bebês

Minha amiga grávida tem dois meses para escolher o nome da criança. A dúvida é cruel. Não sabe se espera o menino — sim, machinho — nascer para ver a cara que tem e se combina com algumas das múltiplas opções que veio acumulando, desde que o teste deu positivo, ou se escolhe logo antes que outro aventureiro (o marido) lance mão.

Ele quer manter a linhagem, como se fizesse parte de uma casa real. Mas ela já disse que nenhum neném do mundo merece se chamar Epaminondas — ainda mais porque terá de colocar um Neto no fim e não teria o sobrenome dela. Ademais, há sempre a questão dos apelidos, e Êpa é daqueles que facilita o bullying.

Tem muito dicionário de nomes, todos com aqueles significados que não valem de muita coisa, nada pelo menos que possa revelar o caráter do ser humano a ser batizado. Mas o bicho homem é assim mesmo, sempre querendo adiantar o destino.

Conheci muito César careca e que não mandava em lugar nenhum, uma Catarina bem danadinha, uma Anabela muito gentil, mas desprovida de boniteza, um Antônio que só foi batizado assim porque nasceu num 13 de junho, aniversário do santo, e não porque seria um sujeito

digno de apreço, valoroso.

Se o caráter acompanhasse o nome, César classificaria um cabeludo poderoso, Catarina uma moça casta e Anabela uma pessoa boa e graciosa. Da mesma forma, todo Eduardo seria rico ou pelo menos um protetor de riquezas, todo Francisco viria da França, todo Haroldo teria um exército para comandar e os Pedros seriam rochas de segurança.

Há certamente erros crassos que nascem no registro do cartório. Conheci, por exemplo, um Washington comunista. Tinha um Joaquim como prenome, mas adotou o nome de um dos pais fundadores do capitalismo norte-americano para fazer política.

Não adiantou o capricho dos pais na hora da escolha. Era mais conhecido pelo apelido de Macaxeira, que ganhou quando transportava armas para os guerrilheiros escondidos no Araguaia,



na carroceria de um caminhão cheia de aipim — ou macaxeira. Teve sucesso e sobreviveu, sendo eleito vice-prefeito de São Luis, Maranhão, pelo PT.

Da infância me lembro de um Lenine, filho de um — ora veja — comerciante, dono de loja de ferragens, em Pernambuco, mas que não virou cantor e deve andar solto no mundo. Podia ser pior: se fosse outro líder

da revolução bolchevique, o apelido seria Estalinho.

Os especialistas — quem mais, além deles? — dizem que atualmente o nome mais comum no Brasil, para meninas, é Zoe. Curto, sonoro, disputa com Maya, Rayka e Greta (esse último não me agrada, não por causa da Thunberg, a ambientalista, ou da Garbo, atriz, mas em português o substantivo pode levar a

leituras maliciosas).

Para os meninos, o pessoal anda escolhendo entre Zyan, Ravi, Benjamin, Bento e Joaquim. Sabe-se lá por que.

Algumas tribos de povos originários davam nome provisório à criança, até que ela própria pudesse escolher o definitivo. Nunca resolveu o problema de ninguém. Só seria bom para dono de cartório, que ganharia duas vezes.